

AS RELAÇÕES DE FORÇA ENTRE PARES E UM NOVO OLHAR SOBRE A CONDUÇÃO NA DANÇA DE SALÃO DOS DIAS ATUAIS

BRUNO BLOIS NUNES¹; MÁRCIA FROEHLICH²

¹*Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSul – Pelotas) – bruno-blois@hotmail.com*

²*Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSul – Pelotas) – froehlich.marcia@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Acredita-se que a dança de salão possui um papel de extrema relevância nas práticas das relações sociais “de corpo presente” e pode ser usada como um instrumento de auxílio para a tentativa de harmonização de dois corpos. Corpos esses de experiências e objetivos diferentes, controlados pelas normas sociais, mas que podem buscar novas formas de relacionamento através da dança.

Este trabalho faz parte de uma pesquisa que estuda o estado anacrônico da noção de condução como ainda compreendida nas práticas de dança de salão. “O termo conduzir nas danças de salão tem sido entendido como uma ação na qual um corpo tem o domínio sobre outro no acontecimento da dança” (FEITOZA, 2011, p. 9) e, nos dias de hoje, “o cavalheiro permanece conduzindo a dama na dança de salão, por razões puramente históricas que na sociedade atual já foram superadas” (ZAMONER, 2005, p. 71).

Quando nos deparamos com o ensino da condução na dança de salão temos à frente duas questões importantes: a primeira é a conexão necessária entre o casal para a execução de uma boa condução; a segunda são as relações de força que ocorrem entre os parceiros.

Embora seja bem comum encontrarmos nos espaços de ensino de dança de salão o significado de condução como uma simples ligação de estímulo-resposta, é necessária uma atualização e até mesmo uma expansão desse conceito (FEITOZA, 2011, p. 24). Nos dias de hoje, não podemos ensinar a dança de salão “nos mesmos moldes dos tempos de seu surgimento” (ZAMONER, 2005, p. 71 e 72).

Uma das razões para que isso ocorra é que, atualmente, a mulher conquistou maior espaço no mercado de trabalho, o que permitiu, consequentemente, sua independência financeira. Esse aspecto associado a mudanças nos papéis de gênero dentro da sociedade causaram uma profunda transformação social (ZAMONER, 2005, p. 71). Dessa forma, a mulher deixa de ser ‘conduzida’, passando a participar quase igualitariamente de todas as atividades da sociedade” (ZAMONER, 2005, p. 71).

Inseridas nesse novo contexto, as danças de salão acabam propondo “reformulações de valores culturais, sociais e sexuais” e observa-se uma “busca mais igualitária na ação do conduzir” (FEITOZA, 2011, p. 25) e, dessa forma, deve-se propor uma nova maneira no entendimento da condução na dança de salão. Porém, acredita-se que se pode ir além da reavaliação de uma submissão feminina na condução da dança de salão. Dessa maneira, entramos na segunda questão relevante quanto ao ensino da condução: as relações de força.

Se as mudanças de valores ocorridas na nossa sociedade reformularam as interações entre as pessoas, as relações de força também mudaram. Resta saber até que ponto essa mudança pode ser observada em um espaço de dança de salão.

É importante entendermos relações de força não como algo fixo, mas como algo mutável. O poder que circula nessas relações nunca está localizado em

determinado lugar (FOUCAULT, 1998b, p. 183). Com as transformações ocorridas em nossa sociedade e com a possibilidade dessas novas relações de força adentrarem o meio da dança de salão, pretende-se mapear as novas concepções de condução na dança de salão abordando as relações interpessoais da sociedade contemporânea.

Alguns dos principais teóricos que se pretende usar nesse projeto é o francês Michel Foucault à luz de obras como *Microfísica do Poder* (que mostram as relações de poder e saber que ocorrem nas sociedades modernas) e *Corpo Utópico, as Heterotopias* (que aborda o corpo como contrário à utopia). Foucault ainda auxilia o estudo sobre outro tema de extrema importância na dança de salão: a sexualidade. Nos trabalhos *História da Sexualidade I* (1999), *História da Sexualidade II* (1998), *História da Sexualidade III* (2005), o autor mostra que, no mundo ocidental, ao contrário de como se supõe, não há um silenciamento do sexo, seu discurso é, ao contrário, intensificado.

Além de Foucault, o professor de dança e pesquisador Jonas Karlos de Souza Feitoza propõe o neologismo “cocondução” para apresentar uma igualdade de ações entre cavalheiro e dama nas realizações que ocorrem na dança. Ao invés da proposta da condução pelo estímulo-resposta, projeta-se “uma cooperatividade em ambos para a ação da dança” (FEITOZA, 2011, p. 10).

A professora Maristela Zamoner, assim como Jonas Karlos de Souza Feitoza, mostra que não podemos ignorar as modificações sociais ocorridas e, a dança de salão e suas técnicas devem se expor a essas mudanças para não correr o risco de se tornar uma atividade com um conjunto de regras consideradas obsoletas.

2. METODOLOGIA

Este trabalho faz parte de um estudo de caso composto por três etapas: levantamento bibliográfico, realização de entrevistas com alunos de dança de salão e observações do professor durante as aulas aliados à minha experiência profissional na área em questão. Trata-se de um estudo em andamento, por isso, neste momento, serão apresentados os resultados da primeira e segunda etapas.

Na primeira etapa, voltada à pesquisa bibliográfica, o presente trabalho dedicou-se a avaliar os últimos cinco anos de produções (de janeiro de 2011 a dezembro de 2015) sob o enfoque da condução na dança de salão e como ela vem sendo abordada em tais estudos. A metodologia utilizada foi pesquisar em livros, teses, dissertações, monografias e artigos científicos publicados em bases de dados consolidadas por meio da busca das seguintes palavras-chave: dança de salão; condução na dança; relações interpessoais na dança; relações de força na dança.

Para a segunda etapa da pesquisa, foram realizadas entrevistas no mês de julho do corrente ano com oito alunos (4 homens e 4 mulheres) de dança de salão com idades entre 37 e 74 anos, que atualmente frequentam minhas aulas. A escolha da população-alvo deveu-se à facilidade de acesso aos mesmos e para facilitar a comparação entre as afirmações dos sujeitos entrevistados e as observações do desempenho dos casais durante as aulas de dança, principalmente no quesito relacionado à condução entre os pares. Para essa terceira fase, estipulou-se a realização durante os meses de julho, agosto e setembro de 2016.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira etapa da pesquisa destinada à análise de material bibliográfico consultado em bases de dados mostraram que muitos autores já propõem um novo entendimento sobre a condução na dança de salão.

O fato de o cavallheiro conduzir a dama não assegura uma dança agradável pois a dama necessita “permitir” essa condução. Além disso, as constantes mudanças em nosso contexto social são mencionadas como um importante fator a ser levado em consideração para uma transformação na dança de salão.

As entrevistas revelam que 5 dos 8 alunos (3 homens e 2 mulheres) acreditam que saber conduzir é uma qualidade importante para cavalheiros na dança de salão. Da mesma forma, 5 dos 8 entrevistados (3 homens e 2 mulheres) consideram que uma relevante qualidade para as damas é saber ser conduzida.

De qualquer forma, as entrevistas revelam que 7 dos 8 alunos (4 homens e 3 mulheres) não consideram a dança de salão machista e 5 dos 8 entrevistados (3 homens e 2 mulheres) acreditam que as damas gostam de ser conduzidas na dança de salão.

O significado da condução na dança de salão para os alunos entrevistados não se iguala aos resultados do levantamento bibliográfico. Feitoza menciona o conceito de cocondução, que estaria ligado a uma relação mais igualitária na condução da dança de salão (2011, p. 9 e 10), em que cavalheiro e dama se conduziriam juntos e o antigo estímulo-resposta seria abandonado. Já Silveira propõe uma forma de pensar a condução mais como um “diálogo”, um “ato comunicativo” (SILVEIRA, 2014, p. 9). Diferentemente nas entrevistas, a condução foi comparada a sinônimos como: “orientar”, “comandar”, “direcionar”, ou seja, conceitos já compreendidos e que, segundo a nova bibliografia encontrada, estariam anacrônicos para a dança de salão dos dias de hoje.

4. CONCLUSÕES

Devido às observações dos alunos durante a prática da dança de salão estarem em andamento, ainda não há conclusões a serem feitas. O que se pode averiguar até o momento é que os novos conceitos sobre condução propostos nas pesquisas sobre dança de salão não coincidem com o conceito ainda expresso pelos aprendizes de dança de salão entrevistados.

Ainda, vale ressaltar que a importância desse trabalho se deve ao fato de a produção acadêmica sobre dança, principalmente em língua portuguesa, ser carente do assunto tratado. De qualquer modo, Arcangeli menciona que, ultimamente, a pesquisa em dança vem recebendo maior atenção e novos trabalhos acadêmicos sobre o tema vêm conquistando espaço (2008, p. 282).

Outro ponto importante é que o projeto enfoca questões importantes para nossa sociedade atual: as novas diretrizes apontadas para uma igualdade cada vez maior entre os gêneros interferem profundamente nas relações que homem e mulher demonstram enquanto dançam. Portanto, esses são temas que merecem maior atenção e estudo em seus diversos pontos de abrangência.

Pelas razões expostas acima, acredito que esse trabalho tenha uma profunda relevância acadêmica sendo mais um material que poderá amenizar a lacuna bibliográfica da dança.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARCANGELI, A. Moral Views on Dance. In: NEVILE, Jennifer (Ed.). **Dance, Spectacle, and the Body Politick 1250 – 1750**. Indianapolis: Indiana University, 2008. p. 282-291.
- FEITOZA, Jonas K. S. Cocondução: procedimento corporal de comunicação relacional nas danças de salão. In: PERNA, Marco A. (Org.). **200 Anos de Dança de Salão no Brasil – Vol. 2**. Rio de Janeiro: Amarágão Edições de Periódicos, 2012. p. 67-88.
- FEITOZA, Jonas K. S. Danças de Salão: os corpos iguais em seus propósitos e diferentes em suas experiências. 2011. 84p. Dissertação (Mestrado em Dança), Faculdade de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em:
http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/8141/1/DISSERTACAO%20JONA_S.pdf. Acesso em: 11/07/2016.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. 13. ed. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999a.
- _____. **História da Sexualidade II**: o uso dos prazeres. 8. ed. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1998a.
- _____. **História da Sexualidade III**: o cuidado de si. 8. ed. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2005.
- _____. **Microfísica do Poder**. 13. ed. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998b.
- _____. **O corpo utópico, as heterotopias**. Tradução: Salma Tannus Muchail. São Paulo: N-1, 2013.
- SILVEIRA, Paola V. Diálogos de um ser a dois: uma perspectiva para dançar o tango. **Cena em Movimento**, Porto Alegre, n.4, 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/cenamov/article/view/53807/34052>. Acesso em: 12/07/2016.
- SILVEIRA, Paola V. Diálogos de um ser a dois: uma perspectiva para dançar o tango para além da condução. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 3, 2014, Salvador. **Anais...**, Salvador: [s.ed.], 2014. p. 01-19. Disponível em: <http://www.portalanda.org.br/anaisarquivos/3-2014-20.pdf>. Acesso em: 12/07/2016.
- ZAMONER, Maristela. **Dança de salão**: a caminho da licenciatura. Curitiba: Protexto, 2005.